

renato suttana

na
glote

(poesia)

renato suttana

na
glote

(sonetos)

renato suttana

na
glote

(sonetos)



Ficha técnica

Título: *Na glote*

Autor: Renato Suttana

Todos os direitos reservados ao autor

1ª edição: junho de 2021

Editora: ARS

Local: Dourados-MS

ISBN: 978-65-00-25337-5

Contato e informações:

www.arquivors.com

link para este arquivo:

http://www.arquivors.com/renato_naglote.pdf

Nota: As imagens presentes neste livro foram extraídas da internet e usadas aqui sem intuito comercial. Até porque...

Sumário

CARTA A UM AMIGO.....	11
I.....	12
II.....	13
III.....	14
IV.....	15
V.....	16
VI.....	17
VII.....	18
VIII.....	19
IX.....	20
X.....	21
XI.....	22
XII.....	23
XIII.....	24
XIV.....	25
XV.....	26
XVI.....	27
XVII.....	28
XVIII.....	29
XIX.....	30
XX.....	31
XXI.....	32
XXII.....	33
XXIII.....	34
XXIV.....	35
XXV.....	36
XXVI.....	37
XXVII.....	38
XXVIII.....	39
XXIX.....	40
XXX.....	41
OUTRA PROPOSTA (MODESTA).....	42

“Em 2020, Governo Bolsonaro gastou R\$ 15 milhões em leite condensado”

(Notícia da Revista Fórum)

“Os resultados afastam a persistente interpretação de que haveria incompetência e negligência de parte do governo federal na gestão da pandemia. Bem ao contrário, a sistematização de dados, ainda que incompletos em razão da falta de espaço na publicação para tantos eventos, revela o empenho e a eficiência da atuação da União em prol da ampla disseminação do vírus no território nacional, declaradamente com o objetivo de retomar a atividade econômica o mais rápido possível e a qualquer custo.”

(Trecho do relatório Direitos na Pandemia — Mapeamento e Análise das Normas Jurídicas de Resposta à Covid-19 no Brasil, publicado em parceria pelo Centro de Pesquisas e Estudos de Direito Sanitário (CEPEDISA) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP) e pela Conectas Direitos Humanos)



Bela imagem: o presidente oferece cloroquina aos pinguins (meme da internet)

na glote

CARTA A UM AMIGO

(à guisa de prefácio)

É pouca a minha pressa, em quarentena,
de redigir tal carta, mesmo sendo
assunto de importância. (Mas compreendo
que o isolamento embarga a minha pena.)

Vou empurrando a coisa — uma quinzena,
mais outra, e depois outra; e é despiciendo
pensar que este cordão que vou tecendo
tenha fibra ou valor que pague a pena.

E assim finda o soneto, sem a carta
e talvez sem poesia, pois que avança
ele também com passos de lagarta.

(Se muda o tempo, e o vento sopra a pluma,
quem sabe, então, eu ganhe mais confiança.
Mas reitero: não tenho pressa alguma.)



I

“Governo Bolsonaro gasta R\$ 15 milhões com leite condensado e R\$ 2,2 milhões com chiclete”
(Notícia do *Bem Paraná*)

Em leite condensado é que se nada.
E não é mera força de expressão:
para expurgar do mundo a corrupção,
cumpre matá-la ou gorda ou afogada.

Já para o magro zé-povinho nada,
porquanto não convém à concepção
(nem cabe no orçamento da nação),
embora o ritmo seja de boiada.

Haja mamada! E, enquanto lá se adoça
em mar de açúcar (que só de pensá-lo
ou crê-lo já um diabético se coça)

o bucho da patota, vai um pobre
emagrecer no estreito do gargalo —
provando o fel da vida, se lhe sobre.



II

“Mais de R\$ 1,8 bilhão em compras: ‘carrinho’ do governo federal tem de sagu a chicletes”
(Notícia do *Metrópoles*)

Saio do meu mergulho todo doce —
cheio de renovadas energias —
e vou, porcino, badalar nos dias
como se um touro ou o Super-Homem fosse.

Se a cloroquina não me cura a tosse
(prescrita no evangelho do Messias),
lambuzo-me em mais dúcidas bacias:
que é o modo meu de me tratar, precoce.

De alfafa, cravo, sal ou de chiclete
não me empanzino entanto, por pirraça,
que não sou asno de encarar charrete.

Já parodiando o grego: doce é a vida
quando os deuses derramam sua graça,
mesmo que em Leite Moça derretida.



III

“Covid-19: crise diplomática com a China coloca vidas em risco, diz pesquisador
(Notícia d’*O Tempo*)

Mas vacinar com leite condensado
é coisa que afinal não nos ocorre,
apesar do cochicho que ora corre —
ele mesmo o seu tanto adocicado.

Se é fato que, no ritmo estipulado,
vacinado só está mesmo quem morre,
da China ainda se espera que aqui jorre
o raro e caro insumo, racionado.

Enquanto isso, nademos na doçura,
que, se não nos resguarda ou imuniza,
o acre da vida ao menos ameniza.

Metamos, pois, com Sonrisal e teima,
na goela a hiperglicêmica mistura —
generosos com o doce e a guloseima.



IV

“Leite condensado: MP junto ao TCU vê indício de superfaturamento em gasto de R\$ 15 milhões”

(Notícia d’*O Globo*)

O leite condensado custa horrores:
cento e sessenta e dois reais a lata,
(nó que a minha ansiedade não desata,
mas não vamos aqui cevar rancores).

Já a água mineral sai, meus senhores,
por dezessete mil (a mais barata);
e ainda há o sal, as paçocas e a batata —
e vão lá se entender com os credores.

Mesmo sendo o orçamento de bilhão
para cima, aplicado já o desconto,
cabe dispensa de licitação

no cabeçalho (e a ideia vale um conto).
No final, por que o diabo borde e pinte,
mandem a conta para contribuinte.



V

“Governo pagou R\$ 162 em lata de leite condensado; veja valor de outros itens”

(Notícia do iG)

Um bombom por oitenta e nove reais
foge a todo critério, mas se paga,
se a grana vier daquela teta maga
de onde as mamatas jorram torrenciais.

Lá em casa, claro, a ideia não prospera,
até porque o orçamento é mais frugal
e dá somente para o principal,
sem muito espaço para o “quem me dera”.

É como digo sempre: quando o erário
entra em campo, a senil frugalidade
corre a esconder-se dentro de um armário.

(Já o Paulo Guedes quer privatizá-lo —
o armário — e o tem tentado de verdade,
como modo talvez de destrancá-lo.)



VI

“Ministério da Defesa diz que compra de chicletes é para higiene bucal”

(Notícia do *SBT News*)

Tanto chiclete é para dar à boca
ocupação melhor que propagar
essa mitologia obscura e louca
de que a tal corrupção vai acabar.

Sugiro aqui, da parte que me toca
(eu, que às vezes me deixo influenciar),
incluí-lo, com o bombom mais a paçoca,
no público orçamento, a combinar.

Ajudaria a pôr fecho à torneira
de onde escorrem, em fluxo manancial,
o novo macarthismo e a barulheira

do *kit gay*, com o marxismo cultural.
(E, sim, desentupia — não duvido —,
como o dos aviadores, nosso ouvido.)



VII

“Governo Bolsonaro comprou R\$ 45 milhões de alimentos de empresas fantasmas; inclusive o Leite Moça; Época denuncia”
(Notícia do *Brasil 2 Pontos*)

Comprem numa biboca o lote inteiro,
de preferência lá no Paraná
(de onde um juiz fugiu feito um gambá
que a gente caça a pau num galinheiro).

E sempre paguem tudo no dinheiro,
que o vício da “pendura” é que não dá,
e há caruncho de sobra no fubá,
cabendo pois dar tiro mais certo.

Cumpre injetar açúcar no recruta,
cozendo-o bem até que ele dê ponto
de brigadeiro. E aqui não se discuta

o custo do negócio: é pelo avanço
do patriotismo, com que também conto
e entra como despesa no balanço.



VIII

“Tem que vender essa porra logo”, diz Paulo Guedes sobre o Banco do Brasil em reunião ministerial”
(Notícia do G1)

Alardear a política do Guedes,
com vista a açambarcar alguma empresa
pública a preço vil, de sobremesa,
é peixe que não cabe em nossas redes.

Mas o eleitor, coitado, entre as paredes
que ao seu redor a imprensa eleva, acesa
na neoliberal chama, é fácil presa.
E haja bacia para tantas sedes!

Quer vender os Correios e “essa porra”
do Banco do Brasil, tricentenário,
e tudo quanto ao seu bestunto ocorra.

Mais em conta sairia se o vendessem
a um zoológico — vê-se — apartidário,
para alimentar tigres (se o comessem).



IX

“Bolsonaro criou orçamento secreto de R\$ 3 bilhões em troca de apoio do Congresso”

(Notícia da *Rede Brasil Atual*)

Com olhar de Medusa, o presidente,
grudado ao cargo feito um carrapato,
com uma política de comodato
não teme tempestades pela frente.

E o mais curioso é que a bondosa gente
parece querer dar-lhe outro mandato,
talvez premida pelo espalhafato
que entope o noticiário diariamente.

É luxo que não cabe no orçamento;
mas, como diz o povo, “é o que está posto”.
(E aqui não se discute tara ou gosto.)

Se lhe dão mais quatro anos de acrescento,
leva a cabo, impunido, a doida empreita
de pôr abaixo o país, com a mão direita.



X

“BC se vê forçado a subir juros em plena crise por causa da aceleração da inflação”

(Notícia do *Estadão*)

Os juros são a nova religião.
E nem Mamon, tão ávido e matreiro,
nos daria por norma outro roteiro
no seu incomparável cantochão.

É rito que até um árido pagão
se ocupa em celebrar pelo ano inteiro
e que absorve do pároco ao coveiro,
levados por tão bela encantação.

Os juros, meu amigo, num altar
fariam até Judas trepidar
por mais propícias oportunidades.

E nem o bom Jesus, que entregou tudo,
se atreveria a dar-nos mais bondades
nos dias de hoje, sem um prévio estudo.



XI

“Maia trava pedidos de impeachment e oposição promete ir ao STF”
(Notícia d’*O Globo*)

“Maia, o maior derrotado. Bolsonaro, o maior vencedor”
(Notícia de *Veja*)

O Maia, inadimplente, nem merece
que aqui lhe dediquemos um soneto;
mas passe: ele não vale o que parece,
com dívida atrasada no boleto.

Deixou, com a presidência do coreto,
montanha de papéis, que à sombra cresce,
com os pedidos de *impeachment* (um dialeto
que ele não fala ou finge só que esquece).

Legou também à história — tendo feito
a reforma fatal da Previdência,
(que fará no futuro um belo efeito) —

a pilha de defuntos da covid,
que, em notas de repúdio e flatulência,
ajudou a engrossar, sem um revide.



XII

“Michel Temer, um dos artífices do *impeachment*, teve um governo com apoio sólido na Câmara, suficiente para somar os votos para livrá-lo de duas denúncias por organização criminosa e obstrução de justiça na Câmara dos Deputados.”

(Luiz Domingos Costa e André Frota)

“Eduardo Cunha é condenado a 15 anos de prisão por corrupção passiva e lavagem de dinheiro na Lava Jato no Paraná”

(Notícia do G1)

Pagar-se em prestações, com juros altos,
é o que o Brasil pretende, desde quando
o velho Judas, mestre dos assaltos,
da presidência foi se apoderando.

Galgou com seus trezentos os planaltos
e lá ficou, magríssimo, poetando,
enquanto o amigo, de princípios altos,
comandava de cima o alegre bando.

A isto nos trouxe a “ponte do futuro”,
pomposa, mas construída, bem se via,
com uns restos achados num monturo.

(Quando o formos contar aos nossos netos,
vão supor que é ficção ou fantasia
metida à força nesses analectos.)



XIII

“Bolsonaro diz que leite condensado é para ‘enfiar no rabo’ da imprensa”

(Notícia do *Poder360*)

“Em novo ataque à imprensa, Bolsonaro insulta apresentadora da CNN Brasil”

(Notícia da *Folha de São Paulo*)

Com uma perfeita cara de maluco
e amarga e proverbial descompostura,
o presidente respondeu à altura
a uma provocação das redes: truco!

Mas usou termo pior, mandando dar
ao fim do tubo anal o leite todo —
coisa que se concebe de algum modo
(ou pelo menos ele ousou pensar).

E assim se perde o imposto nos desertos,
custeando o palavrão e a grosseria,
enquanto o povo passa os seus apertos.

(Mas, se insultou a imprensa nesse dia,
noutros não quer ver dela nem o rabo,
tal como não quer ver a cruz o diabo.)



XIV

“CPMI mira no 'gabinete do ódio' em investigação sobre disseminação de fake news”

(Notícia do *Jornal do Comércio*)

“Centrão e Bolsonaro: Casamento é selado na troca de cargos; veja nomeados”

(Notícia do *Último Segundo*)

A mamadeira erótica — fantasma
que excitou os carolas em dezoito —
no final virou chicles e biscoito,
mostrando que não cessa a mente pasma.

Tal como algum patuá que um feiticeiro
brande frente ao nosso olho apalermado,
foi apregoadada aos gritos no mercado
da opinião sem conselho e sem roteiro.

E, agora que o seu leite se derrama
sobre cada cabeça em grosso jorro,
nele se afoga (arrefecida a chama

do arroubo) a tal politicagem nova:
militarista — que, antevendo a cova,
pede à velha que venha em seu socorro.



XV

“Vou seguir a linha do secretário Alvim.”
(Sérgio Nascimento de Camargo, diretor da Fundação Palmares)

“Roberto Alvim copia discurso do nazista Joseph Goebbels e causa indignação”
(Notícia d’*O Globo*)

“... mas isso antes testemunha que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens...”
(René Descartes)

Estão perdendo o senso de medida
e aquele outro também, de realidade,
que outrora regulava a nossa vida
e nos dava o sentido da verdade.

Agora é o que se vê: mal repartida
essa antiga (e ora escassa) faculdade,
da qual até um lactente já duvida,
manda-se às favas a maioria.

Descartes se enganou, é o que suponho,
na asserção otimista; e já estou perto
de crer que o francês teve um belo sonho.

Vivesse na atual época, e por certo
desistiria da noção tão nova,
de que não há no mundo indício ou prova.



XVI

“Investidores apostam no Brasil, mas esperam mais reformas de Bolsonaro”

(Notícia do *UOL Economia*)

O que eles chamam hoje de governo
ainda não está descrito nos manuais,
talvez pelo seu modo assim moderno
de dar cabo de tudo e um pouco mais.

Outro desses, e o país vai logo a pique,
dado o pantagruelismo da investida
e a gana das “reformas”, tão renhida —
fornido *iceberg* para esse Titanic.

E o pior é que não falam de outra coisa,
como se em sua mente entrasse um dedo
de demência precoce, cavernosa.

(E dá-lhe enfiar no samba os coronéis,
que, se a gente der sorte, vão mais cedo
para a reforma, ou voltam aos quartéis.)



XVII

“SP: Padre Júlio Lancellotti quebra pedras colocadas contra moradores de rua”

(Notícia do UOL)

Com os três bilhões que deram pelo Lira
eu compraria um lote de vacinas,
pois tenho aqui, nas partes intestinas,
uns restos de razão (que ainda respira).

Claro, isso não garante liquidez —
que estou mais para Júlio Lancellotti
quebrando as pedras do incurial calote
que se aplicou no povo em dezesseis.

Logo virão mais cargas da pedreira,
jogadas desde cima, a formar montes
sobre o lombo da plebe leda e inculta.

(E quem sonhou com largos horizontes
para este país, que em valas se sepulta,
as levará também, mas na moleira.)



XVIII

“Cesta básica fica 33% mais cara sob Bolsonaro, e lista de compras encolhe”

(Notícia da *Folha-UOL*)

“Bolsonaro faz churrasco com picanha de R\$ 1.799,99 o quilo”

(Notícia do *iG Economia*)

O gás a cento e cinco, a gasolina
a seis, carne a setenta — é tema amaro,
que a fome não reflui sob a buzina
atordoante do plano *bolsocaró*.

Nem o Exército aguenta (bem fornido
de Heineken e leite condensado);
quanto menos o pobre, desnutrido,
que anda a fugir da feira e do mercado.

Já o presidente ri-se no churrasco,
mandando comprar arma subsidiada,
indiferente ao universal asco.

(Ou, diante da catástrofe anunciada,
vai pondo a culpa nos governadores,
que dele são — supõe-se — os superiores.)



XIX

“Não posso descartar”, diz ACM Neto sobre apoio do DEM a Bolsonaro em 2022”

(Notícia do *Poder 360*)

O DEM é mais esperto que o Chifrudo,
e isso nós compreendemos facilmente,
bastando deduzir, sem muito estudo,
o grande O que da sigla se acha ausente.

Depois de inaugurado o novo entrudo —
com os cargos distribuídos entre a gente
de boa cepa —, foi pousar, bicudo,
num poleiro mais largo, que o sustente.

É do jogo — aprendamos com o netinho
do ACM, cujas velas se enfunavam
ao menor sopro de qualquer ventinho.

(Mesmo os da ditadura, que sopravam
do norte ao sul, tal como esses de agora
que vão levando a peste mundo afora.)



XX

“PIB brasileiro despenca 4,1% em 2020 e tem maior queda em 24 anos”

(Notícia do *Poder 360*)

“Nesse estica e puxa, o real ocupa o quarto lugar de um *ranking* de desvalorização de divisas ante o dólar em 2021, perdendo apenas para a moeda do Sudão, da Líbia e da Venezuela, de acordo com levantamento feito pela Austin Rating...”

(Trecho de notícia da *CNN Brasil*)

A imprensa tem sofrido, no atual dia,
tentando distinguir confusamente
entre o tipo malsão do presidente
e o que supõe ser sua *economia*.

Não sei se vai dar certo. Mas cabia
confirmar a suspeita, pertinente.

(Observem o ar da Miriam, tão pungente —
de quem desfaz à noite a obra do dia.)

Certo é que, enquanto o vírus mata o povo,
se atola a economia em lodaçal,
sem tração que lhe dê impulso novo.

(E “vender pena”, com o dinheiro em queda,
não ajuda a tirar da lama o real —
que agora se depena e se depreda.)



XXI

“General Villas Bôas diz que calculou ‘intervir’ caso STF desse HC a Lula”

(Notícia do *ConJur*)

“CPI quebra sigilo de Eduardo Pazuello, Ernesto Araújo e ‘gabinete paralelo”

(Notícia da *Agência Senado*)

Se é contra o comunismo, vale o truço:
blefe, Centrão, mandinga, vista grossa,
bomba atômica, caso a gente possa
(que o Othon, o almirante, virou suco).

Valem tuíte e malícia bem bolada
lá nas altas, entre uísques e quitutes —
que afinal também soube dar seus chutes
o Villas, de alma velha e encarquilhada.

Vale inclusive (que eu aqui não peque
contra o *mainstream*), por mor do contracheque,
assar na brasa o rúbido Pazuello —

que na fila do pão é só mais um,
e a gente substitui, sem drama algum
ou prejuízo, por outro de igual pelo.



XXII

“Conselho vota pelo arquivamento de processo contra Eduardo Bolsonaro”

(Notícia da *Agência Brasil*)

Salvar o filho é urgência principal,
até porque a família estava inclusa
no plano de governo — inaugural
libreto do refrão que agora se usa.

Disso não se lamenta o neanderthal
que saiu às ruas, na estação confusa,
com a carranca estampada, zodiacal,
do juiz (ex-)Moro na auriverde blusa.

Pronto. O resto é sem pressa: pandemia,
vacina, desemprego, educação
e o descenso abissal da economia.

(Que na ampla lista do que socorrer
levam número baixo, é de se ver:
zero-cem, zero-mil, zero-um-milhão.)



XXIII

“Mais de 6 mil militares atuam em cargos civis no governo Jair Bolsonaro”

(Notícia da *Rede Brasil Atual*)

“Flávio Bolsonaro compra mansão de R\$ 5,97 milhões em bairro nobre de Brasília”

(Notícia do *G1*)

Prioridade é, parece, alcandorar-se
nalgum alto poleiro do Alvorada,
compondo lá, com roupa bem cortada,
um coro de tragédia sem catarse.

Vale vender chicletes no sinal
ou chocolates na *delicatessen* —
que, mesmo amargos, pelo menos descem
e produzem mansões lá no final.

E não há Fiat Elba que compita
com tal inovação — de dar azia
a sal de fruta, diz a mente aflita.

(Mas a justiça fica *rachadinha*
de engolir tanto sapo, coitadinha,
a menos que aprecie essa iguaria.)



XXIV

“É simples assim: um manda e o outro obedece”, diz Pazuello ao lado de Bolsonaro”
(Notícia do G1)

Para fritar na banha um general,
busquem-no na Intendência, onde ele medra,
com seu sotaque e um ânimo de pedra,
e façam dele a estrela principal.

Escondam-se atrás dele, como manda
um velho figurino, e então lhe deem
a missão de fazer o que não veem
(ou de tornar-se o general da banda).

Cozam-no sempre à luz dos holofotes,
como um tipo de inepto comediante
que sabe dar seus giros e pinotes.

E enfim lhe deem medalha de importante,
antes que a alminha dele, estável, arda
no fogo de um inferno, que não tarda.



XXV

“Brasil se aproxima da marca de 300 mil mortes pela covid-19”
(Notícia da *Rádio Senado*)¹

“Projeto inclui educação entre atividades essenciais que não podem parar na pandemia”
(Notícia da *Agência Câmara de Notícias*)

Matar gente aos montões exige um plano
e uma firme estratégia, bem se vê,
que não há de empreender qualquer fulano,
nem cabe na telinha da tevê.

Vai longe o tempo em que, com o ar mais lhano,
se achava que extirpar, sem mais porquê,
trinta mil passaria pelo cano
da pública opinião, que em tudo crê.

Hoje é assim: alcançados os duzentos
e trinta e tantos mil, toca a mandar
os meninos à escola, barulhentos.

Isso, por certo, ajudaria a dar
outro incremento à já impensável taxa,
que agora cresce em V, no vai ou racha.

1 Publicada em 23 de março de 2021. Em meados de junho do mesmo ano, o país já registra 498 mil mortes.



XXVI

“Medíocres, escória. Açam que podem manipular a opinião pública, enchem a paciência da população. Não vai colar, a população não tem essa motivação ideológica e vai responder nas urnas.”

(Carlos Alberto dos Santos Cruz, general)

“E, agora, há a fraude-mor, a do presidente ‘Paz e Amor’, que junta seus cacos da aventura que ensaiou tentar contra a democracia e cuida apenas de tentar enterrar imundícies em que seu clã meteu-se.”

(Fernando Brito)

Não há caixa de areia suficiente
para tanta obra e tanto empreendimento —
se o ministério é um caldeirão fervente
e o plano de governo é só espavento.

Quando a ideia é marchar, seguir em frente,
atropelando o juízo e o pensamento,
não há terra que baste (ou pá que agunte),
pois a coisa extrapola o entendimento.

Melhor confiar no tino do eleitor
que, como disse o arguto general,
de tal matéria entende o cheiro e a cor

(e, sem ouvir a incerta propaganda,
leva tudo até o fundo do quintal,
para lhe dar o fim que a saúde manda).



XXVII

“Exército alega 'informação pessoal' e impõe sigilo de até 100 anos a processo que absolveu Pazuello”
(Notícia da *Folha de São Paulo*)

Cem anos de sigilo é insuficiente
para esconder coisinha assim tão rara —
embora se suspeite, pela cara,
que nada exista ali de surpreendente.

Virou, parece, já, moeda corrente
(ou esse gesto ao menos o declara)
fingir que a extravagância não mascara
o que no fundo a todos é patente.

E dá-lhe impressionar com *canetadas*
(como se diz), em ritmo de opereta
ou de canção, as mentes atordoadas.

Faz dois anos e meio que a retreta
atroa em nosso ouvido. (E aqui ninguém
há de negar: pesaram mais que cem.)



XXVIII

“Manifestantes prestam continência a caixa de cloroquina; imagem viraliza”

(Notícia d’*O Estado de Minas*)

“Que vasta e convidativa seara de glórias!”

(Afonso Celso)

“Criança, não verás nenhum país como este!”

(Olavo Bilac)

Foi prestar continência à cloroquina
em São Leopoldo, ao pé de uma palmeira,
com o “kit covid” — suponho — na algibeira,
como hoje a situação o exige e ensina.

Por uma tarde morna, cristalina,
mais de um lá foi mostrar sua alma inteira:
a filha, o filho, a tia e, à brasileira,
o palhaço que foge da vacina.

Nem mesmo o Afonso Celso, que se ufana
deste país tropical, onde o sol racha,
sonharia com cena tão bacana. —

Pois digo: “Vai, ó criança, abraça tudo!
Entoa um hino frente àquela caixa,
que será contra o vírus teu escudo!”



XXIX

“Bolsonaro diz que Brasil é referência no combate à covid-19”
(Notícia do *DW*)

“Brasil é o país que lidou pior com a pandemia, aponta análise de 98 governos”
(Notícia da *Folha de São Paulo*)

Despiram esse rei por brincadeira,
enquanto iam gritando alegremente
que num traje o meteram excelente,
feito pela mais hábil costureira.

Fizeram junto incrível barulheira
para incutir no cérebro da gente
que o espetáculo insólito, impudente,
era feito com método e maneira.

Deu no que deu. E agora já não sei
se rio ou se deploro, com o menino,
o desvairo e o ridículo do rei.

(Tal o efeito, nesta época amargosa,
de engolir tanto blefe e desatino,
que deixam nossa mente em polvorosa.)



XXX

“Documentos mostram que mais de 30 morreram nos dois dias de colapso por falta de oxigênio em Manaus”
(Notícia do *G1*)

“O aparelho é constituído de uma grande armação reta (aproximadamente 4 m de altura) na qual é suspensa uma lâmina losangular pesada (de cerca de 40 kg). As medidas e peso indicados são os das normas francesas.”
(Trecho de verbete da *Wikipédia*)

Barato mesmo saía a guilhotina,
que com uns paus e a lâmina afiada
se monta em praça pública: barbada
que entende bem a mente peregrina.

A economia é xis, se for contada,
em curva que nem Guedes imagina,
ele, que ama cobrir de purpurina
seu “comam brioches”, a cada rodada.

Trilhões por certo pouparia a gente,
e os velhos não ficavam ao relento,
e iam à escola a criança e o adolescente.

E o SUS, em padrão FIFA, acolheria
todos, em qualquer nova pandemia,
com gás à farta para o atendimento.

25-6-2020/8-6-2021



OUTRA PROPOSTA (MODESTA)

“Toda aquela alimentação que não for utilizada durante aquele dia no restaurante, aquilo dá para alimentar pessoas fragilizadas, mendigos, desamparados. É muito melhor do que deixar estragar essa comida toda.”

(Paulo Guedes, ministro da Economia)

“Bolsonaro: Brasileiro tem que ser estudado. Pula no esgoto e nada acontece”

(Notícia do UOL)

Modos de contribuir com este país:
primeiro, é morrer cedo, meu amigo,
para que o Guedes, liberal de raiz
desafogue o orçamento, ora em perigo.

O segundo é evitar a inconveniência
de ir tomar a vacina — tão escassa —,
até porque é infinita a resistência
da brasileira gente, dura raça.

O terceiro é já nada mais comer
ou engolir um tico, algum restinho,
para que a moeda volte a se aquecer.

Já o quarto é abater o teu vizinho
com o novo três-oitão, recém comprado,
e o comer no domingo, ou no feriado.



“Em sua participação na CPI da Covid, o senador Eduardo Girão (Podemos) disse, há pouco, que ‘a ciência está dividida’ sobre a eficácia do uso da cloroquina para tratamento de pacientes com a doença.”

(Trecho de notícia d’O Antagonista)

“Guedes achava que um auxílio de R\$ 200,00 por mês seria suficiente para as famílias enfrentarem a pandemia e não podia ser por muito tempo, ‘aí, ninguém trabalha (...) e o isolamento [social] vai ser de oito anos porque a vida está boa’. A imunidade de rebanho que fizesse o resto. E fez. Neste fim de semana, chegamos aos 500 mil mortos. Essa marca inimaginável não é obra exclusiva do vírus. As políticas excludentes e de base eugenista da dupla Bolsonaro-Guedes também compõem a causa mortis desses brasileiros. Presidente e ministro assinam os atestados de óbito.”

(Cristina Serra, 19-6-2021)



Meme da internet

RENATO SUTTANA (n. 1966) é de Barroso-MG (Brasil).

Professor universitário, escritor e tradutor, publicou livros de poesia e ensaios, entre os quais *Bichos* (2005), *Bichos imaginários* (2013), *Rapinário* (2015), *Quando me abrirem portas* (2016), *Indigestos e purgativos* (2016), *Lição de economia* (2018), *Música de pianola* (2018), *Opinionautas* (2012/2019) e *O esquecimento necessário* (2020). Tem poemas incluídos em coletâneas e revistas literárias do Brasil e de Portugal. Mantém na internet o site “O Arquivo de Renato Suttana”.

ARS

Copyright © Renato Suttana, 2021

www.arquivors.com

Este livro foi publicado em
19 de junho de 2021,
dia de protesto nacional contra
o governo inoperante de Jair Bolsonaro.
As estatísticas oficiais registram
um número de 500 mil mortos pela
pandemia da covid-19 no Brasil.
Apesar do caráter satírico e irônico
dos poemas aqui contidos,
a tristeza do autor é infinita.

